



Os atentados de 11 de setembro e suas implicações enquanto acontecimento

João da MATA¹

Bruno LEAL²

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG

RESUMO

Uma experiência, antes de adquirir um sentido sólido, precisa ser organizadas em meio às experiências que já possuímos e, principalmente, com base nas formas de saber às quais estamos familiarizados. Os atentados de 11 de setembro passaram por um processo de estruturação e enquadramento, inerente a construção de um acontecimento midiático, com os mesmos fins. A partir disso, pretende-se neste estudo analisar quais experiências e conceitos foram associados a tais acontecimentos durante a primeira semana de sua repercussão na mídia de diferentes países.

PALAVRAS-CHAVE: acontecimento; jornalismo; enquadramento; 11 de setembro.

INTRODUÇÃO

Os atentados ocorridos em 11 de setembro de 2001 ao World Trade Center e ao Pentágono estadunidense são percebidos hoje como um acontecimento histórico. O linguista e ativista político, Noam Chomsky, atribui esse caráter aos ataques em New York a uma importante peculiaridade: a direção em que as armas foram apontadas. Segundo o pesquisador, a última vez em que o território norte-americano esteve sob ataque, ou mesmo sob ameaça, foi em 1814, ano em que britânicos incendiaram Washington – para Chomsky, o ataque a Pearl Harbor não se enquadra nessa categoria, uma vez que os japoneses bombardearam bases militares em duas colônias e não o território dos Estados Unidos. Dessa forma, uma vez que os EUA estiveram envolvidos em inúmeras guerras durante os últimos dois séculos, o motivo fundamental para o destaque atribuído ao 11 de setembro, em detrimento dos demais acontecimentos do mesmo ano de 2001 se dá através da ideia de que, como afirma o próprio pesquisador,

¹ Estudante do 3º. Semestre do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais. *E-mail:*

² Orientador do trabalho. Professor do Curso Comunicação Social, *E-mail:* brunosleal@gmail.com.



o mundo parece muito diferente dependendo de quem está segurando o chicote e de quem está levando chibatadas há séculos. Muito diferente. Por isso (...) o choque e a surpresa na Europa e em suas ramificações (...) são bastante compreensíveis (CHOMSKY, 2001, p.10).

Entretanto, observar o 11 de setembro apenas a partir dessa ótica seria desconsiderar, ou até mesmo subestimar, a constatação de que esses atentados, desde o princípio, foram constituídos como acontecimentos jornalísticos. Dessa forma, a partir dessa perspectiva, também pode-se observar que o 11 de setembro repercutiu de tal forma na sociedade que funcionou como uma espécie de síntese do ano de 2001 em diversos veículos de comunicação em todo o mundo, simultaneamente. Classificação que, em pouquíssimas situações, é questionada. No entanto, afirmar que esses atentados se encaixam no conceito de acontecimento jornalístico implica em dizer sobre a importância das questões envolvidas no processo de “organização” pelo qual passaram.

O ACONTECIMENTO ENQUADRADO

Se pensarmos em nossas experiências cotidianas e observarmos a forma como as entendemos, armazenamos e transmitimos, logo perceberemos que essas experiências dizem de uma totalidade que, por si só, não pode ser compreendida *a priori*, um universo de informações às quais não se pode atribuir sentido inicialmente. Essas informações, antes de adquirirem um sentido sólido, precisam ser organizadas em meio às experiências que já possuímos e, principalmente, com base nas formas de saber às quais estamos familiarizados. Dessa forma, apenas após essa adaptação, as experiências vividas podem se tornar narráveis. Com os acontecimentos jornalísticos isso não ocorre de maneira diferente.

Segundo o teórico francês Maurice Mouillaud, durante o processo de construção de um acontecimento midiático, um fragmento da experiência é isolado e convertido em um “fato”. Esse fragmento na forma de “fato” é separado de seu contexto, mas se torna passível de ser conservado e transportado – diferentemente da experiência, que está diretamente ligada à sua dimensão espaço-temporal. Dessa forma, Mouillaud acredita que “o acontecimento é a sombra de um conceito construído pelo sistema da informação, o conceito do ‘fato’” (2002, p. 51). Para ele, o “fato” seria o paradigma universal que permite descrever os acontecimentos, ou seja, a leitura da experiência que é codificada. Nesse sentido, o acontecimento seria sempre plural, designando uma



exigência da representação e, portanto, funcionando como uma moldura que revela os fragmentos da experiência.

Contudo, a ideia de que a organização do “caos” que caracteriza a experiência em seu estado inicial a partir das formas de saber intrínsecas ao acontecimento midiático implica o uso de uma “moldura” que revele seus fragmentos, o que nos leva ao outro conceito: o de *enquadramento*. Nesse sentido, Elton Antunes (2009), a partir das ideias de Anabela Carvalho (2000)³, afirma que o enquadramento (*frame*) está ligado à estruturação do discurso, uma espécie de ideia de fundo que, a partir de determinados elementos postos em destaque, organiza a construção e interpretação dos textos, entendendo dessa forma, a partir das ideias de Scheufele, os enquadramentos

(1) como um complexo cognitivo de esquemas de assuntos relacionados para diferentes aspectos da realidade, (2) estabelecidos no discurso público, político ou entre-mídias, e (3) tornando-se manifesto como uma estrutura textual de mensagens tais como em *press releases* e artigos de jornal (Scheufele, 2006, p.66)⁴.

Em outras palavras, os frames operam em níveis cognitivos e textuais ou como padrões de discursos que aparecem em uma condição pública. Assim, são localizados no interior dos sistemas da mídia, incluindo relações entre os próprios jornalistas, os receptores de suas publicações e os demais atores como as fontes, órgãos públicos e privados, etc. Entretanto, ao observarmos os atentados de 11 de setembro a partir da ótica do acontecimento jornalístico – e os enquadramentos que ela pressupõe –, nos deparamos com as problematizações inerentes a essa categoria conceitual.

Mouillaud, por exemplo, considera que o acontecimento jornalístico funciona, ora como a informação que transporta, pelo seu caráter móvel, ora como a informação que silencia, pelo seu caráter de moldura, corte, focalização e direcionamento. Essa característica coloca em xeque a autenticidade dos acontecimentos e, dessa forma, aumenta o número de dúvidas ligadas à repercussão dos atentados de 11 de setembro. Segundo o autor,

No próprio momento que o acontecimento é projetado, um processo inverso o põe a distância como algo que é impossível de atingir-se ou, pelo menos, do qual só se poderá captar visões parciais, e do qual a totalidade escapa. Todo acontecimento pressuporia que fossem desdobrados um saber e um não-saber, um mundo e um fim-de-

³ ‘Discourse Analysis and Media Texts: a Critical Reading of Analytical Tools’ in ‘International Conference on Logic and Methodology’. *Anais...* Colônia: International Sociology Association, 2000, Disponível em <<https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/3137>> Acesso em 17 de maio de 2004.

⁴ ‘Frames, schemata, and news reporting’. *Communications*, v.31, n.1, pp.65-83.



mundo. Os grandes acontecimentos da mídia seriam aqueles que permitem não somente ver, mas não ver. Seria aqui o caso de uma estratégia da mídia que injeta mais-valia à informação, fazendo recuar o acontecimento em um fundo de trevas [...] O acontecimento seria um recurso cujo valor residiria menos no que ele é do que no que não é. (MOUILLAUD, 2002, p. 81)

Dessa forma, a partir da afirmação de Mouillaud, pode-se concluir que, ao contrário do que se imagina inicialmente, um dos principais fatores de valorização do 11 de setembro enquanto tema de pauta jornalística e, principalmente, enquanto tema de destaque nas esferas de debate socialmente estabelecidas, não se dá através do que se descobre com a ruptura apontada por Chomsky, mas pelas incógnitas que essa ruptura faz emergir. Entretanto, essas incógnitas estão fortemente ligadas às duas instâncias de análise ligadas ao conceito de enquadramento: o momento da construção e o momento de ajuste dos *frames*.

O primeiro momento, o “*frame-building*”, diz respeito aos fatores internos que influenciam as qualidades estruturais de enquadramento das notícias, em particular as concepções e entendimentos com as quais operam a comunidade profissional e as organizações produtivas, e aos fatores externos, que dizem respeito ao contato e interação do campo do jornalismo com os outros atores e agentes sociais. Tais fatores estarão fundamentalmente manifestos no texto da notícia. Já o segundo momento, o do “*frame-setting*”, trata-se da relação entre essa moldura engendrada no campo midiático e os meios de interpretação e avaliação das notícias acionados pelos agentes sociais, aquilo que nos termos de Charaudeau (2006) chamaríamos de o saber compartilhado pelos interlocutores, distinguidos em saberes de conhecimento – fundados em uma representação racionalizada dos fenômenos do mundo – e os saberes de crença – apoiados em juízos que fabricam normas de referência para ação no mundo. (ANTUNES, p. 88)

Contudo, pode-se entender que o processo de seleção de um quadro dentre a infinidade de possibilidades de uma experiência como a do 11 de setembro passou primeiramente por um processo de estruturação fundamentados nas concepções da comunidade jornalística responsável pela divulgação dos atentados, e nos atores sociais ligados a esse evento. Em seguida, os quadros apresentados nas notícias divulgadas relaciona-se com os meios de interpretações dos atores sociais. Dessa forma, para entendermos como se deu a relação do texto com seus interpretantes, é necessário identificar os métodos de estruturação do 11 de setembro enquanto acontecimento midiático.



A REPERCUSSÃO DOS ATENTADOS

Na tentativa de buscar nos aproximar da compreensão dos questionamentos apresentados, será proposta a seguir a leitura e análise de quatro veículos midiáticos de grande distribuição e destaque em quatro países diferentes: Brasil, Espanha, Estados Unidos e Austrália. Esse movimento será feito com base em uma pesquisa realizada em novembro de 2010, no acervo disponibilizado pela *Folha de S.Paulo*, *El Pais*, *The New York Times* e pelo *The Star* em seus respectivos portais de notícias *online*. Nessa pesquisa, foi feito o levantamento das matérias publicadas entre os dias 11 e 18 de setembro de 2001 e na extração de indicadores quantitativos referentes à frequência do uso de determinados termos em cada jornal paralelamente. Dessa forma, propõe-se identificar o que foi permitido *ver* a partir de tais veículos logo após a explosão do acontecimento midiático. Entretanto, apesar do fato de que esse *ver* se resume, nos termos de Antunes, aos “fatores que influenciam as qualidades estruturais de enquadramento das notícias” (idem), ou seja, aos fatores ligados ao *frame-building*, ele ainda pode funcionar como base para o levantamento de questionamentos de caráter jornalístico e sociopolítico acerca do *não-ver* que automaticamente pressupõe. Contudo, acredita-se na eficiência dessa escolha metodológica, uma vez que os fatores estruturais de enquadramento das notícias e a interação do campo do jornalismo com os outros atores e agentes sociais “estarão fundamentalmente manifestos no texto da notícia” (Antunes, 2009, p. 88).

1 - *The New York Times*, EUA

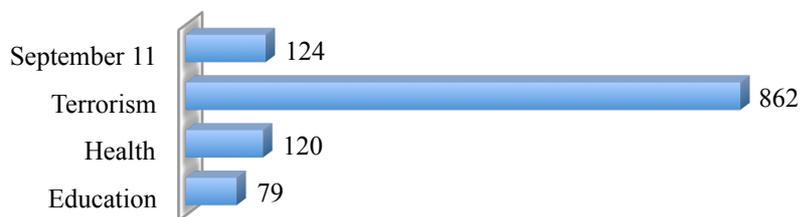
O *The New York Times* é um veículo publicado diariamente na cidade de Nova Iorque e distribuído tanto dentro quanto fora do território estadunidense. O jornal pertence à The New York Times Company, uma empresa que controla 50 sites e outros 16 jornais – incluindo veículos de grande circulação, como o *International Herald Tribune* e o *The Boston Globe*.

O *The New York Times* possui uma área reservada ao agrupamento de todo o conteúdo relacionado aos atentados de 11 de setembro. Nesse espaço são encontrados, por exemplo, *links* para as principais matérias publicadas nos primeiros 10 dias após os ataques e as páginas das edições impressas na época. Dentre esses conteúdos organizados, destaca-se a subpágina *Portraits of grief*, que é dedicada à identificação

biográfica e à homenagem às vítimas do 11 de setembro. Entretanto é na página principal deste *times topic* que é possível a identificação dos elementos característicos desse veículo:

O dia em que o irreal se tornou o inimaginável. 11 de setembro, 2001, a manhã cristalina em que aviões caíram dos céus e derrubaram o World Trade Center e fizeram um buraco no Pentágono, foi o ponto que marcou a segurança do país e apresentou um nebuloso e mordaz inimigo, anteriormente desconhecido pela maioria dos cidadãos. Aproximadamente 3.000 pessoas morreram naquela manhã, a grande maioria nos destroços das torres caídas de Manhattan, outras no Pentágono e em uma área rural da Pensilvânia. Um país paralisado e com olhos avermelhados tenta entender a horrível ameaça do terrorismo. (The New York Times, 2001)⁵

Neste trecho, é possível constatar o uso de forte apelo emocional por parte do jornal. Esse modelo se repete na maior parte das matérias relacionadas, fazendo uso de termos que passaram a fazer parte dos temas de preocupação prioritária do cotidiano estadunidense: “segurança” e “terrorismo”. Contudo, a partir da extração de dados quantitativos foi possível perceber que o assunto mais recorrente no *The New York Times* foi o “terrorismo”, e não necessariamente os atentados de 11 de setembro em si, como se prevê inicialmente.



2 - *Folha de S. Paulo*, Brasil

A *Folha* é um veículo brasileiro editado na cidade de São Paulo. Considerada atualmente, segundo dados do Instituto Verificador de Circulação (IVC), o jornal de maior circulação do Brasil, a *Folha* é um dos jornais impressos mais influentes do país, ao lado de *O Globo* e *O Estado de S. Paulo*⁶.

Embora faça parte do resultado de um processo histórico de importação do modelo de jornalismo norte-americano, a *Folha* não reproduz os atentados de 11 setembro da mesma forma que o *The New York Times*, mantendo seu foco no paradigma factual

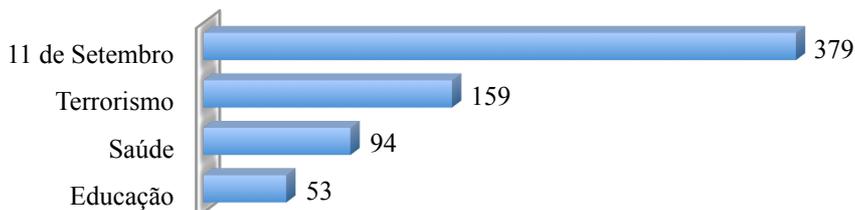
⁵ *Times Topic: September 11*. Disponível em: <<http://nyti.ms/nmI9eq>>. Acesso em 15 de julho de 2011.

⁶ Motter, Paulinho. *The role of the media in educational policy formation and legitimation in Brazil: 1995-2008*. [S.l.]: Universidade do Wisconsin-Madison, 2

inerente à construção do acontecimento midiático. Uma vez que se apresenta como um jornal sustentado pelos princípios da imparcialidade, a *Folha* dá prioridade à disponibilização de informações variadas em detrimento do uso de termos produtores de juízo de valor. Essa variedade pode ser diagnosticada na observação de parte das matérias publicadas durante o período estudado:

- “Grupos muçulmanos negam atentado; palestinos comemoram” (11/09/2001);
- “BBC - O passo a passo da tragédia” (11/09/2001);
- “Maioria dos britânicos apóia represálias militares a atentados” (17/09/2001).

Entretanto, apesar de a *Folha de S.Paulo* afirmar imparcialidade em sua linha editorial, não foram encontradas matérias questionando, por exemplo, a ausência de provas por parte dos EUA para identificação dos culpados pelos atentados. Contudo, a análise quantitativa das matérias levantadas entre os dias 11 e 18 reforça a ideia de que foi dado destaque ao evento, embora a temática do terrorismo se mantenha em destaque.



3 – *El País*, Espanha

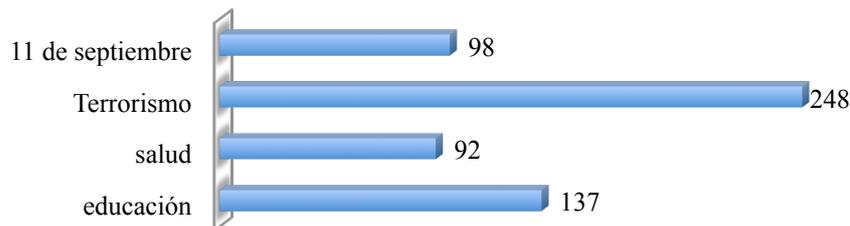
O *El País* foi fundado em Madri em 1976. Atualmente, com uma média de 457.675 exemplares diários, é o jornal não-desportivo de maior tiragem da Espanha, sendo que, uma de suas principais peculiaridades, está no destaque que atribui às informações de âmbito internacional.

Durante o processo de leitura do *El País*, percebeu-se que suas publicações, ora assumiam caráter predominantemente descritivo, ora explicitavam opiniões solidárias à “dor” ao qual *The New York Times* relata em seus textos. Seu posicionamento descritivo é percebido, por exemplo, em textos como “*Interpol crea el 'Grupo Especial 11 de Septiembre' para coordinar las pesquisas*” (publicado no dia 15 de setembro de 2001) e “*Irán cerrará su frontera con Afganistán para evitar un éxodo*” (publicado no dia 16 de

setembro de 2001). Entretanto, o jornal demonstra claramente apoio aos EUA em passagens como:

Hoy todos nosotros somos neoyorquinos y también norteamericanos de primera fila y de claras lealtades. (...) Desde el martes día 11 tenemos izada como nuestra la bandera de las barras y las estrellas en las ventanas y en los balcones, tanto de nuestras viviendas como de nuestros lugares de trabajo, como debería estarlo en las de los centros oficiales o, por lo menos, en los de las ciudades y municipios de toda España. (...) El dolor de América y sus víctimas son nuestros, forman ya parte indisoluble de nuestra biografía (EL PAÍS, 2001) ⁷

No entanto, é importante ressaltar que o veículo assume esse posicionamento apoiado no contexto em que se insere e na relação com seu público. Nas cartas ao leitor, por exemplo, foram encontrados apelos como: “*Propongo que el día 11 de septiembre (si es martes, mejor) sea declarado Día Internacional contra el Terrorismo*” (*Cartas al director. El País, 2001*)⁸. Contudo, a análise quantitativa feita no veículo demonstrou outra (outra, o que?), assim como o *The New York Times*, o *El País* publicou mais matérias sobre terrorismo do que sobre o 11 de setembro na primeira semana após os atentados.



3 - *The Age*, Austrália

The Age é um jornal publicado diariamente Melbourne desde 1854. O periódico, atualmente, tem uma média semanal de circulação de 196.250, aumentando para 292.250 aos sábados.

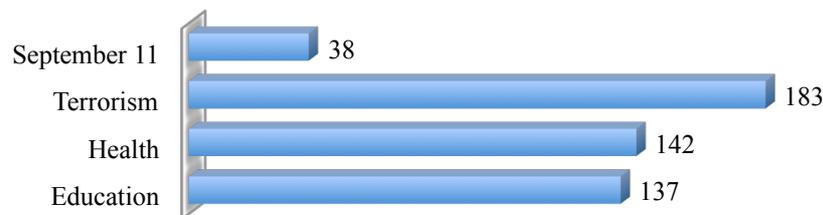
O jornal australiano se revelou o mais radical quanto ao uso de termos e posicionamento. Declarando-se abertamente a favor da luta contra a ameaça terrorista, o *The Age* afirma, apenas dois dias após os atentados: “*it's time to declare war*”, usando o termo “*bastards*” para descrever os terroristas no mesmo dia em que também afirmou: “*Just one word to describe terrorists*” (publicado no dia 13 de setembro de 2001)⁹.

⁷ *Hoy somos neoyorquinos*. Disponível em: <<http://bit.ly/qQH9Qu>>. Acesso em 14 de julho de 2011.

⁸ *Terrorismo contra Estados Unidos 5*. Disponível em <<http://bit.ly/pLKtwN>>. Acesso em 14 de julho de 2011.

⁹ Disponível em: <<http://bit.ly/o8Vh0w>>. Acesso em 15 de julho de 2011.

Dessa forma, percebeu-se na análise quantitativa que, assim como na maior parte dos jornais estudados, o *The Age* escreveu muito mais sobre o “terrorismo” do que sobre o atentado de 11 de setembro. No entanto, diferentemente dos demais jornais, assuntos de interesse geral como saúde e educação mantiveram seu destaque ao serem comparados a partir do número de publicações durante a primeira semana após aos ataques ao World Trade Center e ao Pentágono.



APONTAMENTOS

Como cada veículo possui seu próprio modelo de reprodução dos acontecimentos jornalísticos, acabam por permitir o surgimento de dúvidas a respeito da linearidade de reprodução e divulgação dos atentados e dos acontecimentos subsequentes. Porém, o estudo realizado identificou semelhanças entre os jornais analisados: a escolha da ameaça terrorista como quadro fundamental a se *ver* dentre toda a complexidade de informações inicialmente estabelecida. Dessa forma, a fim de possibilitar a inteligibilidade dos atentados, os jornais acabaram por resumir a experiência do 11 de setembro em uma ameaça que, por ser recente, ainda não apresentava provas suficientes de sua existência. No entanto, uma vez que não foram percebidas manifestações do público desses jornais durante o processo de *frame-setting*, e essa forma de enquadramento se manteve, seria possível afirmar que os indivíduos, assim como no conto em que um homem procura em um ponto iluminado da rua uma chave perdida, só faz questionamentos em cima daquilo que lhe é mostrado?¹⁰ Seria mesmo a mídia um

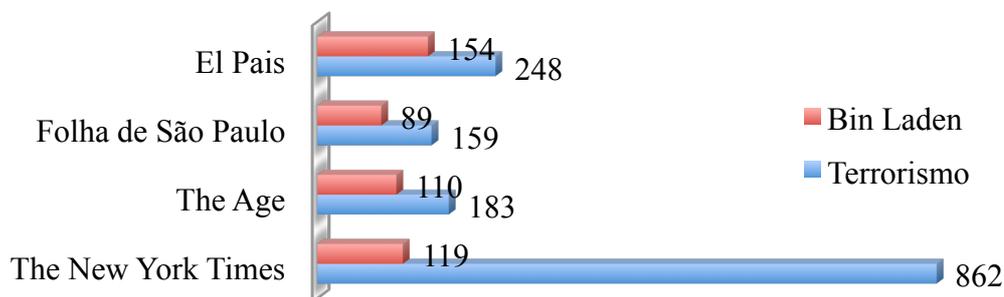
¹⁰ “Passa-se de noite, numa rua, perto de um candeeiro de iluminação pública. Está um homem baixado, o nariz perto do chão, e parece procurar qualquer coisa. Passa outro homem que lhe pergunta:

- Que procuras?
- Procuo a minha chave.
- Perdeste a tua chave?
- Perdi.
- E perdeste-a aqui?
- Não.
- Então, se a perdeste noutro sítio, por que a procuras aqui?
- Porque aqui há luz.”

(Jean-Claude Carrière, Tertúlia de Mentirosos, Contos Filosóficos do Mundo Inteiro, Teorema, 1999, p.324).

órgão de influência central na constituição das realidades cotidianas, ou isso seria apenas superestimar o seu poder de influência?

Contudo, uma vez que o fatores estruturais de enquadramento e de interação entre o jornalismo e os agentes sociais estão manifestos no texto da notícia, pode-se dizer que o processo de organização do 11 de setembro realizado pela mídia, e fundamentado em sua relação com a sociedade, definiu que o principal *não-ver* inerente aos atentados estava na ameaça terrorista em seus aspectos gerais, e não o dia dos atentados em si ou ao principal personagem desse acontecimento, como foi possível identificar na análise comparativa entre os jornais.



Tais dados poderiam sugerir que a reprodução de um enquadramento parecido funcionou como uma estratégia da mídia mundial para determinados fins. Apesar disso, “seria ingênuo imputar à mídia uma estratégia da qual ela fosse a grande maquinadora. Deve-se preferencialmente vislumbrar uma correspondência entre as estratégias da mídia e das fontes” (MOUILLAUD, 2002), afinal, qualquer que seja o sistema (e não unicamente os sistemas políticos), ele tende a ocultar informações sobre o seu funcionamento de acordo com interesses próprios, independentemente de seus objetivos serem “bons” ou não. Contudo, ainda assim, uma vez que não foram percebidos questionamentos massivos em relação a essa leitura feita pelos jornais estudados, seria mesmo a mídia um órgão de influência central na constituição das realidades cotidianas? Ou será que as opiniões divergentes simplesmente não foram noticiadas?



REFERÊNCIAS

ANTUNES, Elton. Enquadramento: considerações em torno de perspectivas temporais para a notícia. Revista Galáxia, São Paulo, n. 18, p.85-99, dez. 2009.

CHOMSKY, Noam. A nova guerra contra o terror. Fórum de Tecnologia e Cultura do Massachusetts Institute of Technology (MIT), EUA. 2001.

MOUILLAUD, M. A crítica do acontecimento. O jornal: da forma ao sentido. Brasília: Ed.UnB. p. 49-83. 2002.